

4

José Josélio da Silva

# O LIVRO DE RUTE

UMA HISTÓRIA DE ESPERANÇA



Série  
Ensaios



# **O livro de Rute**

## **Uma história de esperança**

**José Josélio da Silva**



© Centro de Estudos Bíblicos – 2003  
Rua João Batista de Freitas, 558  
B. Scharlau – Caixa Postal 1051  
93121-970 São Leopoldo/RS  
Fones: (51) 568-2560 e 568-3225  
Fax: (51) 568-1113  
E-mail: [cebi@terra.com.br](mailto:cebi@terra.com.br)  
[www.cebi.org](http://www.cebi.org)

Série: Ensaio (vol. 4)

Grupo Extensivo Pé na Caminhada  
Colaboração: Ir. Dietlind, José Raimundo, Artur Peregrino  
Orientação: Sebastião A. Gameleira Soares

Capa, arte-finalização e impressão: Con-Texto Gráfica e Editora

ISBN: 85-89000-22-2

# Índice

Apresentação: CEBI, “uma história de esperança”.....	5
1. Aspectos gerais.....	11
1.1. Introdução ao livro de Rute.....	11
1.2. Problemas de tradução.....	15
1.3. Os diversos quadros do livro de Rute – delimitação externa do texto.....	16
1.3.1. Primeiro quadro.....	16
1.3.2. Segundo quadro.....	17
1.3.3. Terceiro quadro.....	18
2. Aprofundando o capítulo 4 de Rute (quarto quadro).....	21
2.1. Observações vocabulares.....	21
2.2. Recursos de expressão.....	27
2.3. Recursos de construção.....	29
2.4. Divisão e estrutura do texto: suas partes.....	30
2.5. Contexto literário mediato: paralelos.....	34
3. Produto histórico social.....	36
3.1. Identificação de elementos que revelam a estrutura social.....	36
3.2. Identificação de elementos que revelam a conjuntura histórica.....	41
4. Palavra de Deus.....	43
4.1. Mensagem teológica para o seu tempo.....	43
4.2. Mensagem teológica para hoje.....	50
Bibliografia.....	54



## **Apresentação**

### **CEBI, “uma história de esperança”**

A série *Ensaio*s vem à luz com mais um volume. Desta vez, um exercício de estudo sobre o livro de Rute.

De novo, o autor é um membro do Curso Extensivo de Formação de Biblistas. Muita gente já sabe o que é esse curso. No espaço do CEBI, pessoas se reúnem em grupo movidas pelo desejo de se capacitarem mais no conhecimento da Bíblia, particularmente dos instrumentos de análise exegética, para poderem se dedicar com competência à tarefa de assessoria a grupos, comunidades e agentes/obreiros pastorais. Trabalho demorado e custoso, pois dedicação aos estudos exige concentração, investimento de tempo e de algum dinheiro, disciplina, esforço de conviver em grupo, em processo constante de crítica e autocrítica... não é nada fácil, pois isso não se dá na tranqüilidade de uma academia convencional, mas em meio à correria do dia-a-dia.

A peculiaridade do curso é que as pessoas decidem estudar sem deixar seus afazeres profissionais, os engajamentos político-sociais e as tarefas pastorais. Além de tudo isso, devem achar tempo para estudar com seriedade e com rigor sistemático. Durante cinco (até hoje quase nenhum grupo conseguiu concluir os estudos nesse período!) ou mais anos, o estudo fica fazendo parte das prioridades, além de outras. Muitas vezes não é fácil, nem para as pessoas que participam do processo, se convencerem de que estão na “escola”. Como seria fácil assimilar a idéia de estar freqüentando uma “faculdade” onde não há aulas, não há professor, não se fazem exames, nem se dão notas de aprovação? Só há assessoria a um processo que supõe três momentos articulados entre si: tem-

po de estudo pessoal, de estudo em grupo, de encontro do grupo com a assessoria. Cada pessoa no grupo faz o próprio caminho de descoberta e de amadurecimento intelectual. O estudo, porém, é “dirigido”, não se trata de autodidatismo.

A assessoria tem a excitante tarefa de partilhar a própria experiência em exegese bíblica. Antes de tudo, através da escuta e do estímulo à análise, à reflexão e à elaboração pessoal e coletiva, e com atenção a cada pessoa e a sua produção. É fundamental não adiantar respostas, mas, antes, formular perguntas, levantar suspeitas, estimular o espírito de pesquisa. Como também ajudar a tornar a crítica e a autocrítica dimensões do cotidiano. Convencer, pelo jeito de ser e de fazer, de que estudo não é simplesmente exercício de ler muitos livros ou artigos complicados, ou divagar por raciocínios teóricos. Educação não equivale a erudição, nem científico a complicado. O povo também faz ciência, quando consegue romper os véus da “ideologia” e, ao observar com exatidão os processos da vida, chega a dizer palavras corretas sobre a realidade. “Estudar” tem, no próprio termo, a conotação de esforçar-se, empreender, buscar. Esforçar-se por compreender a vida. Estudar é refletir sobre o que se vive. Os livros nos ajudam enquanto comunicam experiências de outrem que vêm iluminar, ampliar e aprofundar as nossas próprias.

Assim, trata-se de exercitar o que se chamaria de “práxis” teórica, ou seja, o momento da práxis em que se privilegia a teoria como movimento momentâneo de relativa distância do concreto para contemplá-lo. “Teoria” quer dizer visão, contemplação. Mas sempre práxis, isto é, articulação entre prática e teoria, como falava Carlos Marx, e corresponde ao conceito bíblico de “dabar”. E, naturalmente, práxis coletiva, pois o conhecimento é processo de elaboração coletiva.

Como estudar a Bíblia, senão como palavra a partir e em função do agir no mundo? Como estudar a Bíblia, senão coletivamente, em comunidade? Não é a Bíblia um “livro feito em mutirão”? Mutirão de tantas pessoas, tantos grupos, até antagonicos, tantas

gerações, carregada da herança de tantos povos... E o conhecimento humano não é processo de elaboração coletiva? Como imaginar que o “indivíduo” pudesse ser sujeito do pensar? Há uma Teoria do Conhecimento que norteia nosso caminho. E como ter como ideal uma sociedade democrática e socialista se não radicalizamos esse ideal como dimensão constitutiva de nosso próprio processo de sentir e pensar? Também ao estudar temos de ser coerentes com nossas opções políticas. Como querer uma Igreja comunitária e ecumênica, se nosso jeito de pensar, de formular a fé, continua a se parecer mais com uma ilha, ou uma torre de marfim, que com alegre sala de banquete? A maneira de estudar também tem de ser vivência prática de nossa eclesiologia. Como ter coragem de proclamar a fé nas relações trinitárias de Deus, se também nos estudos não vencemos a tentação da solidão pela experiência profunda de que a vida é essencialmente relação? Estudar também é prática teologal, é produzir o “verbo”, deixando-se inspirar pelo Espírito.

Pois bem. Nosso jeito de estudar no chamado Curso Extensivo é assim, do jeito do CEBI. Prática de construir teorias coletivamente e de exercitar o que pensamos e cremos.

Josélio é membro de um desses grupos, uma companhia de quatro, com o significativo nome de “Pé na Caminhada”. Quatro pessoas totalmente diferentes entre si, mas que têm dado certo e que têm sido umas para as outras aquela instância carinhosa de cobrança recíproca que só o amor sabe fazer com a devida delicadeza e eficácia. As quatro se encontraram em torno do amor à Palavra de Deus e da paixão pelo povo. Não o “povo” como entidade abstrata ou genérica, mas o povo dos pobres, a multidão de pessoas excluídas, o Servo, conhecido pelo contacto direto e imediato nas ruas e na roça desse sofrido Nordeste. Haveria “pedagogo” mais capaz de nos conduzir para dentro da Bíblia e aí nos fazer reencontrar rostos tão familiares, tão parecidos com os de homens, mulheres, jovens e crianças com quem convivemos tão de perto?

É, Josélio é um desses que se têm deixado seduzir pelo encanto secreto que brilha nesses rostos desfigurados. Que misté-



rio! “A vós é dado o mistério do Reino, aos de fora, porém, tudo permanece em enigma”. Apesar de jovem, já tem histórias pra contar, “histórias de esperança”. Sua iniciação na Igreja se deu na famosa (e saudosa?) Pastoral de Juventude do Meio Popular. Aí é que começou a sentir-se desafiado pela missão de Jesus. Como ser instrumento de salvação no meio da juventude, da gente de sua idade, e num país de portas fechadas para seus filhos e filhas? Ser jovem no meio popular é ter dificuldades em dobro para enfrentar. Teve a felicidade de ser guiado a descobrir-se jovem cristão num tempo em que até a institucionalidade da Igreja vivia iluminada por grandes sonhos – aquele tempo que a gente gosta de chamar de “tempo de Dom Helder”, porque o Dom, para além de uma pessoa, é símbolo de uma época vivida por uma multidão de pessoas como nós...

Interessante. O outro lado de sua iniciação foi o Movimento da Renovação Carismática. Quem sabe, a maneira como se manifestou num dado momento sua sede de profundidade espiritual, sua busca mística. Chegou até a viver um tempo no mosteiro, ainda bem jovem, lá na serra de Gravatá. Sua iniciação se fez assim, como ele mesmo lembra, em “ambientes que parecem tão antagônicos, mas que me ensinaram a relativizar opiniões, verdades e inverdades. Creio que partiu daí meu compromisso com o ecumenismo”.

Já faz 12 anos que caminha pelas estradas do CEBI, “caminhada de aprendizado e de partilha”. Tem predileção especial pelas escolas bíblicas, ele mesmo o diz: “As escolas bíblicas me marcam profundamente, pois me fazem não perder de vista um dos motivos de estudar a Bíblia. Percebo como um grande desafio podermos transmitir ao povo as descobertas e avanços no estudo da Bíblia, sem contudo ferir o conhecimento popular. Muito pelo contrário, é nesse conhecimento popular que aprendemos também muito sobre a Bíblia”. A propósito, Dom Helder, que prezava tanto a Ciência como “Dom do Criador e Pai” e vivia seu ministério como ato político de construção da convivência humana, não se cansava de insistir: “Pelo amor de Deus, não entrem pisando de botas sobre

a fé do meu povo!”

Josélio resume bem a assimilação que ele mesmo faz do espírito do CEBI quando, em conversa, diz o seguinte: “O mais importante não é o estudo em si, mas a vida. Aprender que a vida é mais importante que o saber e o saber só é importante para podermos viver bem”. Eu costumo dizer isso assim: lemos a Bíblia, não para aprender a Bíblia, mas para aprender da Bíblia o jeito de ser de Deus.

Profissionalmente, já trabalhou na SUDENE, e hoje continua funcionário público, concursado, se não me engano, do Poder Judiciário. Ao lado do trabalho profissional e dos estudos, ainda acha tempo para ir-se dedicando sempre mais ao CEBI. No momento faz parte da coordenação do CEBI-PE, integra a equipe nordestina de assessoria ao Curso de Bíblia por Correspondência e, a partir de 2001, começou a partilhar sua experiência no Curso Extensivo através da assessoria a um novo grupo de estudo.

Nesta “história de esperança”, ele nos brinda com um exercício de estudo de texto bíblico. É desse jeito que se estuda no Extensivo. Lendo este livro, podemos acompanhar as várias etapas metodológicas que se percorrem. E aprender. O CEBI é “universidade popular” também por isto, não se nos transmitem apenas conteúdos, o jeito de dizer nos faz “aprender a aprender”. E é gostoso fazer esse exercício sobre o livro de Rute, essa pequena e preciosa jóia da literatura bíblica, onde se combinam visão de Deus (Teologia), universalismo antropológico, crítica social e cultural, e a profunda delicadeza de relações interpessoais.

Quem tiver a chance de ter este livro nas mãos tente adivinhar a emoção de quem há anos tem acompanhado essa maravilhosa experiência no CEBI, como assessor e coordenador. Que alegria poder tocar com as mãos a obra que vai sendo modelada em cada uma das pessoas! Alegria e entusiasmo de participar e até – por pura graça – contribuir nessa “oficina de modelagem”, onde todos, todas somos oleiros e barro ao mesmo tempo. E, como que de repente, o Espírito revela as belezas da obra. É a sensação bonita